

UM OLHAR SOBRE OS LIMITES DO CORPO HUMANO POR MEIO DE *ESFINGE*, DE COELHO NETO

Naiara Sales Araújo Santos
Dayane Andréa Rocha Brito

RESUMO

Por muito tempo, pensou-se que a Ficção Científica relacionava-se apenas aos países tecnologicamente desenvolvidos e, por isso, acreditava-se que o Brasil não se interessava pela produção do gênero. No início do século XX, a *Belle Époque* fez surgir o fascínio e a incerteza diante do desenvolvimento científico. Por isso, a produção desta época é envolta em misticismo, tal como em *Esfinge*, obra publicada em 1908, pelo maranhense Coelho Neto. Situada na cidade do Rio de Janeiro, a trama tem como personagem central o inglês James Marian, fruto de um experimento científico, fusão entre um corpo masculino e um feminino. O objetivo do trabalho é mostrar de que forma as discussões sobre o uso da ciência apresentam-se na obra, além dos conflitos de identidade do personagem, com base nos estudos de Roberto de Sousa Causo (2003), Mary Elizabeth Ginway (2010) e Bráulio Tavares (2003). Esta obra denota, assim, o sentimento da sociedade brasileira diante do progresso científico, no início do século XX, bem como seu impacto, no que tange aos limites biológicos, psicológicos e sociais.

Palavras-chave: Coelho Neto. Ficção Científica Brasileira. Gênero. Belle Époque.

1 INTRODUÇÃO

Desde a Antiguidade, a figura do monstro tem ocupado um lugar no imaginário coletivo. É comumente associado a seres mitológicos, a seres híbridos, ora assustadores, causando diferentes tipos de reações dentre aqueles que são considerados humanos. Atualmente, há personagens monstruosos no cinema, na literatura, nos jogos, nas histórias em quadrinhos e nos diversos meios midiáticos. Porém, o que diferencia um ser monstruoso para um ser considerado humano?

Na literatura, o monstro tem figurado várias angústias e incertezas, assim como tem levantado vários questionamentos acerca da condição humana e também das relações sociais. França (2013) comenta que tais figuras monstruosas são comumente resultantes da combinação entre as fusões vivo/morto, animal/humano, corpo/máquina, etc., sendo frequentemente tratados pelo pronome “isso”, ou seja, são apresentados como formas indescritíveis, já que não se encaixam em nenhuma categoria.

Apesar de atualmente ter caído no esquecimento do grande público leitor, o maranhense Coelho Neto, no final do século XIX, era considerado um dos maiores escritores brasileiros, por conta de sua eloquência e da facilidade com que tinha de colocar no papel diversas temáticas. Com influência de autores como Poe, Robert Louis Stevenson, Oscar Wilde, o escritor utilizou de temáticas relacionadas ao mistério, ao sobrenatural, revelando uma consonância com esses autores, no que diz respeito à sua própria época.

O fato de Coelho Neto, assim como outros autores de sua época, utilizarem elementos que a associem aos temas do medo, ainda que haja uma preferência do cânone às narrativas realistas e documentais, faz com que, atualmente, tenha-se despertado o interesse nas investigações sobre como temas relacionados ao que França (2013) designou como “literatura do medo”, no Brasil.

Atualmente, tem-se voltado muito para investigação destes elementos na literatura brasileira. França (2013) considera que a razão para o pouco espaço para análise dessas temáticas, no Brasil, relaciona-se ao projeto de literatura brasileiro alencariano, que influenciou o Modernismo de 22: “O sobrenatural foi assim “obstruído” pelo projeto literário hegemônico: o de uma literatura mais pautada na realidade e nas questões nacionais mais imediatas” (FRANÇA, 2013, p. 5).

Assim, a presente pesquisa visa fazer um estudo da forma como o escritor, por meio de seu personagem monstruoso, James Marian, figura as incertezas relacionadas aos avanços científicos, além de antecipar as discussões sobre a reconfiguração do corpo humano em consequência destes.

2 A BELLE ÉPOQUE TROPICAL: o advento da modernidade brasileira

A *Belle Époque* se instaurou no Brasil no ano em que o país vem a se tornar uma república, com um forte desejo de mudança por parte da sociedade brasileira. Porém, antes dessas mudanças adentrarem ao país, a Europa já sentia os efeitos delas. Segundo o pesquisador Alexander Meireles da Silva:

A Belle Époque europeia foi a culminância de um processo de fins do século XIX e início do século XX caracterizado de um lado pela prosperidade econômica resultante da industrialização rápida e da exploração colonialista, advindas ambas da hegemonia do racionalismo científico, e de outro pela estabilidade política, derivada de uma teia complexa de alianças diplomáticas, e reforçada em muitos casos por laços de sangue ou casamento: o *kaiser* Guilherme II da Alemanha, o *czar* Nicolau II da Rússia e o rei Eduardo VII da Grã-Bretanha, por exemplo, eram todos primos entre si (SILVA, 2008, p. 80).

A Europa passava, portanto, por um período de grandes avanços e de muita prosperidade. Em decorrência disto, algumas pesquisas no âmbito científico desenvolveram-se e permearam o processo de “modernização” das cidades europeias.

A *Belle Époque* brasileira foi de inspiração francesa, visto que o país, desde a época colonial, já sofria uma certa influência da França por meio de Portugal. Esta característica brasileira será denotada tanto nos aspectos sociais, quanto nos culturais e ideológicos, com a criação de projetos para transformar o Rio numa Paris tropical, sob o *slogan* “O Rio civiliza-se!”. Neste período, o país ainda apresentava traços coloniais – visto que acabava de sair de um regime monarquista e da dominação portuguesa -, e desejava modernizar-se aos moldes das civilizações europeias, com enfoque na sociedade parisiense. O discurso científico ficou a cargo da legitimação dos ideais referentes ao progresso e à ordem social.

Segundo o historiador Jeffrey D. Needell (1993), a *Belle Époque* carioca pode ser considerada um fenômeno inédito, assinalando uma fase única da história brasileira, diante da ideia de modernidade que tomava conta da Europa, com as descobertas nas ciências, industrialização da produção, explosão demográfica e crescimento urbano, sistemas de comunicação de massa, Estados nacionais cada vez mais poderosos e movimentos sociais de massa.

Estes elementos fizeram aflorar, na sociedade brasileira, o desejo de tornar o país, agora livre de fato da colonização portuguesa, uma nação moderna, segundo as noções europeias de civilização. Needell (1993) ressalta que encaixar-se nos padrões europeus, isto é, nos padrões franceses, não significava apenas estruturar a cidade nos padrões então atuais e eficazes, mas reabilitar o país para um futuro “civilizado”.

Neste momento destacaram-se o engenheiro Pereira Passos e o médico sanitarista Oswaldo Cruz, ambos com estudos adquiridos na França. Eles utilizaram-se de medidas arbitrárias para aplicar seus conhecimentos científicos, com poucos esclarecimentos à população, ocasionando um temor da sociedade em relação aos avanços científicos, mas também uma fascinação pelo progresso. Sobre a literatura deste contexto, o crítico Alfredo Bosi comenta:

Estetismo, evasão, “pureza” verbal precariamente definida, sertanismo de fachada, lugares-comuns herdados à divulgação de Darwin e de Spencer, resíduos da dicção naturalista decambulhada com clichês do romance psicológico à Bourget carregam para a prosa de um Coelho Neto e de um Afrânio Peixoto os vícios do Decadentismo de que na Europa davam exemplo os livros cintilantes mas ociosos de Oscar Wilde e Gabriele D’Annunzio. (BOSI, 1994, p. 197).

Embora muito crítico à produção literária na ocasião em que decorreu a *Belle Époque*, Bosi enfatiza a influência europeia do período em que afirma caracterizar-se literariamente como resultante de um estilo ornamental. Silva (2008), por outro lado, afirma que a semelhança entre a produção de autores nacionais e a americanos, britânicos e franceses demonstram que as angústias e inquietações sentidas naquele momento estavam em consonância. A produção deste momento converge com as narrativas de Mary Shelley, Robert Louis Stevenson, Edgar Allan Poe e H.G. Wells, resultando na “Ciência Gótica”.

3 A CIÊNCIA GÓTICA: o gótico tropical e os prelúdios da ficção científica brasileira

Silva (2015) depreende que o interesse pela ciência, no início da *Belle Époque*, fez com que algumas narrativas apresentassem alguns elementos científicos, mas ainda envoltos em misticismo e mistério, como é o caso de *Esfinge* (1908), objeto desta pesquisa, além de obras de autores como João do Rio, Monteiro Lobato e Gastão Cruls.

Segundo Silva (2008), o período de mudanças que o Brasil vivenciou muito se assemelhou ao que havia acontecido no século dezanove com os escritores europeus em relação a Revolução Industrial. O resultado artístico desse cenário foi o desenvolvimento de uma nova temática literária que se utilizava dos elementos relacionados à Literatura Gótica e ao início da produção literária científica, resultando na Ciência Gótica.

Segundo Tavares (2003, p. 15),

São histórias que têm um pé na ficção científica, utilizando muitos dos seus aparatos exteriores (cenários, personagens, artefatos) mas que se recusam a lidar com a lógica, a verossimilhança e a plausibilidade científica que os adeptos de ficção científica usam [...] Na ciência gótica, a parafernália tecnológica e a pseudo-racionalização materialista estão a serviço de situações bizarras, grotescas, impressionantes.

Essas histórias, como Tavares (2003) expõe, apresentam elementos da Ficção Científica, porém utilizam-se de um pseudo-racionalismo, devido ao fascínio e hesitação com as descobertas da ciência, que nessas histórias ainda é apresentada de forma primitiva. Tavares também infere que a ciência, nestas obras, serve para justificar o que antes era designado ao sobrenatural.

O autor considera que um importante ícone da Ciência Gótica é a obra *Frankenstein*, de Mary Shelley, visto que é considerada a primeira obra de Ficção Científica, porém ainda com elementos da Literatura Gótica, influenciando Coelho Neto ao escrever *Esfinge*.

A Literatura Gótica do século XIX, de acordo com Silva (2008), passa a ter elementos da ciência que se desenvolvia naquele momento. Botting (1996) evidencia que, nesta época, o Gótico ganha formas realistas, popularizadas nos romances de sensação e nas histórias de fantasmas. As cidades industrializadas passam a ser o *locus* do horror e da melancolia. As descobertas científicas ganham espaço nas tramas, tornando-se os mecanismos de horror e terror. Os crimes e as mentes criminosas figuram a desintegração individual e social. Neste momento é que se destaca *Frankenstein*, e, na literatura gótica americana, popularizam-se os escritores Edgar Allan Poe e Nathaniel Hawthorne.

De acordo com Botting (1996), apesar de *Frankenstein* (1818) ser sinônimo do que hoje se considera gótico, dentro do que diz respeito a esta literatura, a obra traz uma nova forma às convenções do gótico firmados no século anterior. O vilão, um dos elementos fundamentais do romance gótico, até então, é também o herói e a vítima, na narrativa de Shelley, enquanto as ações maléficas foram substituídas pelas leis humanas, naturais e científicas.

Todos estes aspectos são importantes para a contextualização do objeto desta pesquisa, visto que, ao final do século XIX e início do século XX, período da *Belle Époque* no Brasil, as transformações pelas quais o país passara causara efeitos na população muito semelhantes aos sentimentos figurados nestas produções literárias, o que refletiu também na obra de alguns autores brasileiros e também maranhenses, como é o caso de Coelho Neto.

Sobre a manifestação destes elementos na produção literária brasileira no período da *Belle Époque*, Silva (2015, p. 35) pontua:

Assim como na Inglaterra de fins do século dezoito, onde a contestação da hegemonia do racionalismo iluminista promoveu o resgate do caráter imaginativo do romance por meio do gótico, o Brasil da virada do século dezenove para o vinte, marcado pela prevalência do discurso científico progressista, também fomentou a irrupção de narrativas cuja estrutura e temáticas guardaram semelhanças com a literatura gótica praticada na Europa.

A remodelação urbana do momento em que se instaurou a *Belle Époque*, despertando, na população brasileira, fascínio e temor em relação aos avanços científicos, refletiu-se também nas narrativas ficcionais, por meio também do horror às epidemias e do projeto de higienização e modernização do espaço urbano. Estes elementos culminaram na Ciência Gótica.

A Ciência Gótica figura todos os anseios e hesitações da sociedade diante dos avanços científico, mesclando elementos da ficção gótica, bem como sua atmosfera de angústia, envolvidos ao maquinário e aos aparatos tecnológicos da modernidade. As ambientações góticas, que, dantes constituíam-se de castelos, abadias, alçapões e espaços lúgubres, são trocadas pelos laboratórios de cien-

tistas ambiciosos. A literatura gótica, neste momento, conflui com a produção literária relacionada à Ficção Científica.

Sobre a conjunção entre Literatura Gótica e Ficção Científica, há estudos recentes, como *Gothic Science Fiction – 1980- 2010*, publicado pelas pesquisadoras britânicas Sara Wasson e Emily Alder (2014), contendo diversas pesquisas acerca das temáticas que envolvem os gêneros.

Segundo Wasson e Alder (2014), um dos textos que se tornaram um ícone nos estudos críticos das conjunções dos dois gêneros é também *Frankenstein* (1818), visto que a visão sombria e fantástica das transgressões medicinais contidas na obra tem inspirado muitos a fazerem conexões entre as duas categorias.

A confluência entre o Gótico e a FC, figurada pela Ciência Gótica, é notada em *Esfinge* e em outros contos de Coelho Neto, haja vista a sua influência em autores que muito contribuíram à produção dos gêneros.

4 ESFINGE: a ciência gótica na *Belle Époque* brasileira

A trama de *Esfinge* (1908) é situada na cidade do Rio de Janeiro, em uma pensão de proprietária inglesa, Miss Barkley. Os moradores do local retratam a sociedade formadora da elite cultural da *Belle Époque*. Os fatos que norteiam o enredo giram em torno da aproximação do narrador com o excêntrico inglês que possui um rosto de uma beleza feminina e físico de Adônis, James Marian.

No decorrer da trama, o narrador descobre, por meio de um livro entregue pelo andrógino, que este é fruto de um experimento científico realizado pelo místico oriental Arhat, que utilizara os conhecimentos da “Magna Ciência” para dar vida a dois corpos mutilados, fundindo o corpo do irmão à cabeça da irmã. Este fato o faz percorrer o mundo inteiro, atrás da resolução de seu próprio destino, descrito em um livro de símbolos, entregue pelo místico, a James Marian.

A busca pela chave para a decodificação do livro, explica o motivo de Marian estar na cidade do Rio de Janeiro, visto que este achara que encontraria a resposta para suas dúvidas enquanto estivesse em contato com a natureza.

A presença do inglês sempre estivera envolta em mistério, causando hesitações, estando o personagem envolvido em algumas situações inexplicáveis associadas à morte da personagem Miss Fanny, com quem o andrógino se relacionara. E, posteriormente, ao próprio narrador.

6 A CIÊNCIA GÓTICA DE COELHO NETO

A ciência apresentada na obra é envolta de misticismo oriental reencarnacionista, como pontua Causo (2003), juntamente a elementos simbolistas e espíritas, visto que o espiritismo estava muito presente no Brasil deste momento. Este fato é notado na explicação que Arhat faz da criação de James Marian:

Valendo-me das noções que possuo da Magna Ciência, como ainda encontrasse vestígios, ou melhor: manifestações da presença dos sete princípios, retive a força de *jira*, ou princípio vital, fazendo com que ele atraísse os restantes que circulavam, em aura, em torno da carne e, com a pressa que urgia, aproveitei dos corpos o que não fora atingido. Tomando a cabeça

da menina e adaptando-a ao corpo do menino restabeleci a circulação, reavivei os fluidos e assim, retendo os princípios, desde o *Athma*, que é a própria essência divina, refiz uma vida, em um corpo de homem, que és tu. (COELHO NETO, 1920, p. 167-168).

Nota-se que a criação de James Marian é regida pelos conhecimentos de Arhat acerca da “Magna Ciência”, denotando a presença de uma ciência ainda envolta em mistério, mística, que não obedece uma lógica, como inferido por Tavares (2003). Esta pseudo-racionalização está ligada a elementos místicos orientais, característicos do Simbolismo.

Tem-se, ainda, a constante referência aos símbolos ao longo da narrativa, estando a Ciência a serviço destes, como neste excerto do momento em que o narrador descobre o pergaminho com os arabescos que darão as respostas que Marian tem buscado:

– Arhat servia-se do símbolo com expressão do mistério. O que não se pode dizer ou representar figura-se. A cor é símbolo para os olhos, o som é símbolo para os ouvidos, o aroma é símbolo para o olfato, a resistência é símbolo para o tato. A própria vida é símbolo. A verdade, quem a conhece? A chave dos símbolos abriria a porta de ouro da Ciência, da verdadeira e única Ciência, que é o conhecimento da causa (COELHO NETO, 1920, p.56).

Esta passagem confirma a relação entre Ciência, com inicial maiúscula para expressar seu valor absoluto, e o Simbolismo. A verdadeira ciência seria capaz de, não somente revelar os questionamentos de James Marian, mas seria a chave para os símbolos da existência, visto que a própria vida é símbolo. Neste episódio, assim como em outros, ao longo do texto, Coelho Neto exprime sua crença de que a Ciência poderia trazer a solução para as questões que ainda não tinham respostas.

Ao ter um colapso, após ficar sem realmente saber se fora James que aparecera para si ou uma alucinação, o narrador acorda, dias depois do ocorrido, em um hospício. Depois de questionar um amigo sobre a veracidade dos fatos ocorridos, fica sabendo que sofreu um episódio de neurastenia, ou seja, uma fadiga extrema. Este acontecimento denota, que, na Ciência Gótica, aquilo que antes era designado ao sobrenatural, tem uma explicação lógica e plausível.

Isto posto, James Marian não é uma criatura do além ou um ser fantasmagórico, apesar de apresentar-se como vulto em algumas situações, mas é resultado de um experimento científico, tornando-o uma criatura que superou a morte. Sua reclusão e inquietação, bem como a sua existência, tem uma explicação pseudo-racional, o que o leva a encaixar-se na denominada Ciência Gótica.

7 MONSTRUOSIDADE NA *BELLE ÉPOQUE* TROPICAL

Um dos temas mais recorrentes dentro das narrativas góticas é a monstruosidade. Isto por conta das reflexões e dos questionamentos que a figura do monstro carrega em sua imagem. Além disso, a figura do monstro tem sido constantemente utilizada para instigar problemáticas de um espaço ou de um tempo. Tanto na literatura, quanto no cinema, nos jogos, nas histórias em quadrinhos e nas histórias infantis, o monstro tem sua representação marcada pelo sentimento de medo, de conflitos e de (não) aceitação social.

Para Cohen (2000), em “A cultura dos monstros: sete teses”, o corpo monstruoso é um constructo cultural, tornando-se a personificação de um momento cultural, refletindo os sentimentos, os desejos de um lugar.

O corpo do monstro incorpora — de modo bastante literal — medo, desejo, ansiedade e fantasia (ataráxica ou incendiária), dando-lhes uma vida e uma estranha independência. O corpo monstruoso é pura cultura. Um constructo e uma projeção, o monstro existe apenas para ser lido: o *monstrum* é, etimologicamente, “aquele que revela”, “aquele que adverte”, um glifo em busca de um hierofante (COHEN, 2000, p. 26).

Como postula em sua primeira tese, o corpo do monstro é um corpo cultural. Isto porque sua configuração estética incorpora elementos culturais – anseios, desejos e sentimentos de uma sociedade. Seu corpo é constructo, revelando, assim, bem como denota a origem da palavra, questionamentos coletivos. Por conta disso, como enfatiza Cohen (2000, p. 28), “os monstros devem ser analisados no interior da intrincada matriz de relações (sociais, culturais e lítero-históricas) que os geram”.

O resultado do experimento que concedeu a vida ao inglês tornara a vida do personagem cheia de inquietações e de constante reclusão. O personagem carrega o estigma de ter seu corpo, bem como a sua própria identidade, fora dos padrões estabelecidos socialmente: sentia-se deslocado, um monstro, fadado ao isolamento: “Cada flor tem o seu perfume próprio, uma vida não pode obedecer a dois ritmos. Duas almas em luta, sentindo diversamente, inutilizam o instinto que é o princípio da atração. Um monstro, um monstro que se devora a si mesmo, eis o que eu sou” (COELHO NETO, 1920, p. 187).

Os conflitos do personagem em relação à sua identidade expressam-se em seu corpo “monstruoso”, denotando a recusa em situar-se sob um padrão estabelecido, dando início das reflexões acerca dos limites biológicos do corpo humano.

Segundo o que ressalta Cohen (2000, p. 29), em “A cultura dos monstros: sete teses”,

Essa recusa a fazer parte da “ordem classificatória das coisas” vale para os monstros em geral: eles são híbridos que perturbam, híbridos cujos corpos externamente incoerentes resistem a tentativas para incluí-los em qualquer estruturação sistemática. E, assim, o monstro é perigoso, uma forma — suspensa entre formas — que ameaça explodir toda e qualquer distinção.

James Marian representa a indistinção das formas humanas concebidas psicológica e fisicamente, trazendo questionamentos acerca da organização da própria sociedade, como sugere Cohen (2000, p. 51):

Esses monstros nos perguntam como percebemos o mundo e nos interpelam sobre como temos representado mal aquilo que tentamos situar. Eles nos pedem para reavaliarmos nossos pressupostos culturais sobre raça, gênero, sexualidade e nossa percepção da diferença, nossa tolerância relativamente à sua expressão. Eles nos perguntam por que os criamos.

O inglês figura os questionamentos culturais acerca da construção biológica humana e das construções sociais. Sua inquietação e reclusão por causa de seu corpo monstruoso apenas cessariam quando descobrisse o motivo de sua criação. Este fato, bem como sua própria nacionalidade, aproxima James Marian da criatura criada por Mary Shelley, que deu início às discussões trazidas, por Coelho Neto, à realidade brasileira. Tal qual a criatura de Frankenstein, Marian destoa dos padrões estabelecidos, sendo condenado à exclusão.

Cohen (2000) ressalta que o monstro sempre escapa por não se encaixar facilmente a nenhuma categorização social. A figura monstruosa denota também a recusa a enquadrar-se, como enfatiza

Cohen, na “ordem classificatória das coisas”. Além disso, sua hibridez perturba as normas estabelecidas socialmente. Seu corpo não se encaixa em nenhuma classificação, impossibilitando a sua inclusão em qualquer sistematização. Ele representa a crise da ordem cultural, é o elemento que se apresenta como o perigo que, a qualquer momento, pode abalar as estruturas e a referida ordem.

James Marian não é mais humano, visto que a ciência fez renascer um ser que superou a morte. Tendo esta ciência, em desenvolvimento, atuado sobre os corpos sem vida, pode-se dizer que o andrógino representa o pós-humano.

8 JAMES MARIAN: pós-humanismo, ressignificações de gênero e desvios da normatividade na literatura brasileira finissecular

Causo (2003) afirma que uma das possíveis inspirações para que Coelho Neto escrevesse *Esfinge* teria sido o quadro “A carícia”, pintada em 1896, por Fernand Khnopff, apresentando o mito de Édipo e a Esfinge, da tragédia grega Édipo Rei, quando a Esfinge, um ser monstruoso, de corpo de leão, rosto feminino e com asas de águia, teve seu enigma finalmente decifrado pelo jovem Édipo. Na pintura, um ser híbrido, monstruoso, de corpo de onça e rosto de mulher acaricia um jovem que representa Édipo, em um misto de temor e de sensação sublime.

A esfinge de Coelho Neto, James Marian, também é um enigma a ser decifrado, apresentando em seu corpo a monstruosidade, por ser híbrido de um corpo masculino e uma cabeça de feições femininas. Assim como a esfinge da mitologia grega, o inglês também “devora” os que tentam se aproximar sem decifrar seu enigma, contido no livro de símbolos. No entanto, o andrógino infere que todos possuem seus enigmas também: “Todos possuem um livro como este – visível ou invisível, não é verdade? A vida é assim: temo-la sob os olhos e não a deciframos... e ela devora-nos. É a Esfinge” (COELHO NETO, 1920, p. 53).

O inglês utiliza-se do mito da Esfinge não apenas para explicar seus próprios questionamentos, mas também para expressar que a vida é um enigma a ser desvendado. Aqui, este mito poderia relacionar-se ao contexto em que a obra foi escrita, época em que os avanços científicos, despertavam a curiosidade e o fascínio, mas também eram um campo a ser decifrado. Fazendo uma relação com os limites biológicos discutidos por Coelho Neto, até que ponto a ciência criaria seres híbridos a serem decifrados?

Conforme Wasson e Alder (2014) comentam, com os avanços científicos, o corpo humano representa um foco de possibilidades e de transformações, de ações e de batalhas. A ciência, responsável pela criação de seres modificados, pós-humanos, traz a ressignificação dos corpos e dos limites biológicos, além dos limites de gênero. Se os corpos são constructos sociais, que podem ganhar novos significados, à medida que a tecnologia atua sobre eles, tornando o ser (pós) humano em um ser híbrido, a ideia de gênero também pode ganhar um novo sentido. Até onde vão os limites de gênero? Até onde se pode dizer que alguém é uma mulher ou um homem?

Para Wasson e Alder (2014), o termo pós-humano emergiu para descrever uma humanidade que ultrapassou os limites de sua forma original e de sua subjetividade com a utilização da tecnologia. Sendo assim, à medida que o progresso científico ocorre, por meio do uso do aparato tecnológico

para a melhoria da qualidade de vida, o corpo humano transforma-se, ultrapassando as suas próprias limitações biológicas, e, gradativamente, torna-se um ser híbrido, artificialmente melhorado.

O escritor maranhense adentrou às questões de gênero, das quais ocuparam-se a Ficção Científica e a ficção Gótica, posteriormente. O corpo pós-humano, expressado pela fusão de duas identidades, masculina e feminina, fora dos padrões estabelecidos, dá início às reflexões relacionadas aos *transgêneros*, aos corpos que ressignificam os limites de gênero.

Além disso, bem como destacam Wasson e Alder (2014), o pós-humano pode vir a ser uma figura considerada monstruosa, ultrapassando e redefinindo seus próprios limites, rejeitando uma simples classificação, o que converge com o postulado de Cohen (2000). Marian, por ser resultado de um experimento científico e não se encaixar nas convenções sociais no que diz respeito ao gênero e à sexualidade, torna-se um monstro pós-humano.

A brasilianista Mary Elizabeth Ginway (2010), em seu artigo *Transgendering in Luso-Brazilian Speculative Fictions from Machado de Assis to the present*, pontua que os conflitos internos de Marian e os sentimentos de não adequar-se aos ditames morais correspondem aos efeitos psicológicos da transgeneridade, ao passo que a rejeição dos moradores representa as reações a este tema, bem como a transfobia e a homofobia.

Segundo Ginway (2010), a Inglaterra, naquele momento, estava sendo palco de diferentes debates em relação às questões de gênero e de sexualidade, sendo abordadas em obras como *O Retrato de Dorian Gray* (1890), mencionada anteriormente, e *Drácula* (1897), de Bram Stoker; além das reflexões sobre o monstruoso e o humano, apresentadas anteriormente, em *Frankenstein* (1818). Este fato teria motivado a escolha da nacionalidade de seu personagem central.

James Marian, sendo estrangeiro, estando a par destas discussões – e também sendo fruto delas –, representaria também a nova concepção do mundo moderno, regido pelas leis da ciência que dava uma nova perspectiva aos corpos, aos limites do que seria considerado humano – o seu próprio nome evidenciaria esta dualidade: James (masculino) e Marian (feminino).

Era, em verdade, um formoso mancebo, alto e forte, apumado como uma coluna. Mas o que logo surpreendia, pelo contraste, nesse atleta magnífico, era o rosto de feminino e suave beleza. [...] a cabeça de Vênus sobre as espáduas robustíssimas de Marte (COELHO NETO, 1910, p.11).

James possuía uma aparência física robusta, comparado ao deus da guerra Marte, em contraposição a seu rosto feminino de beleza suave, relacionado à Vênus. Os moradores da pensão rejeitavam-no, indicando uma certa resistência a esse diferente olhar sobre o que é ser humano, tornando-o motivo de muitas das piadas e comentários feitos pelos homens do estabelecimento.

Todos tecem comentários sobre a aparência e a excentricidade do personagem, o que também pode representar as desconfianças e incertezas sentidas em relação à ciência. Apenas o narrador, que, ao contrário dos demais, além de mostrar-se fascinado por aquele sujeito enigmático, tem interesse em estabelecer um contato.

A rejeição que os moradores da pensão têm em relação a James associa-se também ao conceito de “homossocial”, segundo Ginway (2010), espaço de intensa homofobia, medo e ódio à homosse-

xualidade. A pensão representaria também um espaço de rejeição aos desvios da normatividade, o que também é figurado pelos desvios relacionados à sexualidade e gênero apresentados pelo andrógino.

Após ajudar James em um episódio de colapso, ambos iniciam uma relação de “intimidade quase confidencial”, como o próprio indica. Esta relação denota certo fascínio e atração de ambas as partes:

O nosso aperto de mão foi verdadeiramente afetuoso. Fitamo-nos enleados, sem dizer palavra: ele corava, eu sentia-me empalidecer e, como a surpresa me detivesse no patamar da escada, ele inclinou-se gentil, e, com aceno gracioso, convidou-me a descer, cedendo-me o primeiro passo (COELHO NETO, 1920, p. 33).

Esta proximidade é recebida com surpresa por todos os residentes da pensão, até mesmo pelo fato de James nunca demonstrar interesse numa convivência mais profunda com os demais. Embora a relação entre os dois fosse retratada como amizade quase confidencial, percebe-se que o narrador expressa sempre uma atração pelo inglês: “Fez-se um vulto esbelto e, sob a ampla túnica que o envolvia, desenhavam-me os contornos suaves de um corpo feminino [...] Era James Marian e, naquele traje, o seu rosto realçava mais belo. Era ele como eu o imaginara em devaneio” (COELHO NETO, 1920, p. 91).

Ao ver o corpo de James coberto por uma túnica, acentuando a beleza suave de seu rosto, fazendo-o ter uma silhueta feminina, o narrador sente-se fascinado com a sua beleza feminina. Este fato acentuava a sua atração por James.

Ao longo de sua existência, James Marian vivia um conflito de identidade, ora assumindo uma feminina, ora uma masculina. Essa dualidade o acompanha desde a sua criação, refletindo-se também nas preocupações de Arhat: “Desde que se manifestaram no corpo refeito os indícios da ação dos sete princípios que agem sobre a matéria, estava evidentemente provada a existência de uma alma. Qual delas seria a vitoriosa – a do menino ou a da menina?” (COELHO NETO, 1920, p. 171).

A utilização da ciência para Arhat refletia sobre o resultado de sua própria experiência. Ao reativar os fluidos, usando os sete princípios, verificou a existência de uma alma, mas sem perceber se a alma da irmã se sobreporia a do irmão ou o contrário. Este fato pode indicar uma das consequências da utilização da ciência para a fabricação/ressignificação de corpos, algo que ultrapassa as leis divinas.

No entanto, como o místico revela, ele não obteve resposta a esse questionamento de imediato, partindo para outra tentativa:

Insisti pondo a teu lado os dois sexos procurando exemplares os mais perfeitos da beleza e da graça, da flexibilidade e do aprumo, da meiguice e do garbo, da frágil candura que se entrega e da força altaneira que domina: Siva e Maya. Vendo-os, convenci-me de que a alma que te assiste, qualquer que ela fosse, trairia a sua natureza inclinando-se ao contato (COELHO NETO, 1920, p.172).

Foi neste momento em que pôs James à convivência de Siva e Maya, seus servos, para que pudesse instigar a alma do andrógino. Porém, o que o cientista constatara foi que a alma de James nunca mostrara predileção a nenhum, oscilando sempre em sua admiração. Em seus escritos, James revela que a primeira vez que o amor surgiu para si foi um amor que só podia gerar-se em alma feminina e conclui: “Assim... é minha irmã a vitoriosa em mim” (COELHO NETO, 1920, p. 186)

O inglês havia, desta forma, assumido uma identidade feminina para si, apaixonando-se por um homem cuja irmã gêmea se apaixonara por Marian. Isto causava muita angústia, principalmente porque o seu amado tinha uma noiva e o fazia de confidente.

Minh'alma debatia-se em ansiedade sôfrega se o não sentia, tanto, porém, que ele aparecia, eu exaltava-me em furor violento odiando-o, detestando-o e execrando-me a mim mesmo, com asco como se me sentisse poluído.

As suas confidências punham-me acerbamente e cada palavra de ternura com que ele aludia ao seu afeto doía-me como dardo que se me cravasse no coração e o nome só da sua noiva era suplício que me excruciava. Pobre de mim!

Ó! Minh'alma forte, minh'alma viril, onde estarás tu que não me defendes? (COELHO NETO, 1920, p. 186-187).

O fato de ter sentimentos amorosos por um rapaz, causava-lhe bastante confusão na alma, como o mesmo externa, pois, sentia-se impuro, quando confrontado pelo aspecto masculino de sua identidade. Apesar de manter uma identidade feminina, seu corpo ainda denotava virilidade, o que dificultava qualquer possibilidade de relacionamento com seu amado. Por este motivo, apenas lhe cabe a reclusão e o afastamento do casal de irmãos.

Desventurado de ti se os dois princípios conseguiram te penetrar – a discórdia andarás contigo como a sombra acompanha o corpo. Amando, terás ciúme e nojo de ti mesmo. Serás uma anomalia incoerente; querendo com o coração e detestando com a cabeça e vice-versa. A tua mão direita declarará guerra à sinistra, uma das tuas faces se incendiará de vergonha e asco quando a outra se inflamar no pudor que é a florescência do desejo. Viverás entre dois inimigos encarniçados (COELHO NETO, 1920, p. 173).

Nesta passagem, Arhat explica a James Marian que este sempre viverá em conflito, ao se relacionar com alguém, pois sempre estará em discórdia consigo mesmo, teria nojo e ciúme dele mesmo, visto que suas identidades sempre apresentarão uma reação de aceitação e de contrariedade. Enquanto duas almas ocupassem o mesmo corpo, suas relações sempre estariam comprometidas pela não aceitação da identidade oposta. Isto também explica o seu relacionamento com Miss Fanny: ao sentir-se atraído pela professora, sua identidade feminina contestava, sentia repulsa, enquanto sua identidade masculina reagia de forma oposta.

Ainda assim, o personagem almeja ser aceito e amado, fato que o leva a percorrer o mundo inteiro tentando desvendar o livro de símbolos que lhe foi entregue por seu criador, Arhat, a chave para as suas aflições: “Tens neste livro toda a tua vida, mas o ideograma em que foi escrito só poderá ser decifrado por alguém que haja atingido a perfeição” (COELHO NETO, 1920, p. 161).

Enquanto a solução para suas dúvidas e inquietações não é encontrada, James Marian carregará sempre um fardo:

Se em ti predominar o feminino que transluz na beleza do teu rosto, o rosto de tua irmã, serás um monstro; se vencer o espírito do homem, como faz acreditar o vigor dos teus músculos, serás como um imã de lascívia; mas infeliz serás como ainda não houve outro no mundo se as duas almas que pairavam sobre a carne rediviva lograrem insinuar-se nela (COELHO NETO, 1920, p. 162).

Enquanto James tomar uma identidade feminina para si, será tido como um monstro; porém, se adotar uma identidade masculina, será dominado pela lascívia. Contudo, se a dualidade em relação à sua identidade prevalecer, será infeliz.

A revelação do livro de símbolos, portanto, é substancialmente importante ao andrógino, pois, desvendando seu conteúdo, o inglês passaria do status de um ser que não é aceito segundo as convenções sociais para tornar-se “um anjo entre os homens, senhor de todas as graças, de todo o prestígio, uma vontade soberana em um espírito maravilhoso” (COELHO NETO, 1920, p. 161-162). Ao decifrar, enfim, o livro que carrega consigo, James Marian assumiria uma posição divina, livre de toda a inquietação e isolamento aos quais estivera fadado. Sua existência seria finalmente explicada e aceita por todos.

Um outro aspecto da monstruosidade de James Marian tem a ver com as relações dos personagens com quem se envolve. Se em dadas circunstâncias o monstro revela sua faceta ligada aos malefícios, na tentativa de tornar-se humano, o mesmo ocorre ao inglês.

Em Estocolmo, a primeira vez que se apaixonara, despertou o amor na irmã do casal de gêmeos, quando, na verdade, nutria amores pelo irmão, que o fazia de confidente de suas relações amorosas. Este fato causava um misto de amor e ódio pelos irmãos e por ele mesmo. Para cessar tal agonia, restava-lhe a fuga:

Fugia do meigo casal de irmãos, fugia da meiguice, do amor cândido, envergonhado como um torpe, e infeliz daquele amor vedado. E, encerrando-me abria agoniadamente o volume cravando os olhos nos símbolos para tirar deles a Verdade, qualquer que fosse, a solução do problema terrível da minh'alma ou das almas geminadas que se degladiam na arena revolta que é o meu coração misero (COELHO NETO, 1920, p. 187).

Dada a condição de sua alma, dividida em duas, seus relacionamentos causavam malefícios, tanto a quem se relacionava com ele, quanto a si próprio, sendo James “um monstro, um monstro que se devora a si mesmo”. Seus conflitos internos lhe causavam grande sofrimento, uma grande batalha interna. Para isto tinha de fugir.

A fuga foi também um artifício usado por James para as consequências de sua relação com Miss Fanny, anos mais tardes. A inglesa, professora, falece repentinamente, de tuberculose, depois de manter uma relação com o inglês. Ao narrador revela:

Fiz com ela o que dizem que as sereias fazem com os náufragos: enquanto sentem calor têm-nos nos braços, logo que morrem e esfriam rejeitam-nos do colo. Sorvi-lhe o sentimento, tive-a chegada à minha alma como um sedativo, vivi daquele amor. Vampirismo espiritual, talvez (COELHO NETO, 2010, p.206).

James associa-se a outro monstro, comum nas narrativas góticas: o vampiro. Sugando-lhe os sentimentos, o andrógino teria causado a sua morte, tal como o vampiro suga o sangue das pessoas para a sua sobrevivência. Miss Fanny teria sido vítima das consequências de tentar relacionar-se com um ser monstruoso como James.

O sangue seria uma metáfora para as impurezas que precisariam ser expelidas ao relacionar-se com o inglês. Além disso, o sangue também simbolizaria as consequências dos desvios ao que estava estabelecido pela normatividade. Assim como também fora símbolo de doenças venéreas de muitas narrativas em fins de século XIX e início do século XX, mediante a muitas discussões sobre sexualidade.

O narrador, ao final da trama, também tem as suas sequelas da amizade com James: após a morte de Miss Fanny, o andrógino desaparece e surge, numa noite, repentinamente, como um vulto,

para o narrador, em seu quarto. Pede-lhe os livros e afirma que vai deixar o Rio de Janeiro, pois não encontrara nem em contato com a natureza, a chave para o livro dos símbolos.

No dia seguinte, entretanto, o narrador tem a notícia, por meio do tio de James, de que o inglês já havia partido em um navio alguns dias antes, de modo que seria impossível tal encontro da noite anterior. Consternado, também por conta das descobertas sobre a vida de James, o que lhe causava um certo horror, o narrador tem um colapso, ao final da trama, acordando, dias depois em um hospício, diagnosticado com neurastenia. Portanto, quem se relacionasse com andrógino sofreria as consequências de sua “monstruosidade”.

Depreende-se, portanto, que a chave para os símbolos que figuravam os conflitos internos de James Marian, seria a verdadeira Ciência, que, assim como faz com que “monstros” sejam criados, traria as respostas almejadas pelo andrógino. Sua forma monstruosa figura os desvios da normatividade e ousasse seguir por este caminho de desvios sofreria as sequelas de seus atos.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O final do século XIX e início do século XX representaram um momento único para a sociedade brasileira, recém-republicana. A *Belle Époque* tropical ganhou uma grande notoriedade perante às autoridades internacionais pela eficácia na implementação dos projetos de saneamento urbano e por suas especificidades, resultado de um processo de remodelação e reorganização urbana que tinha não somente um cunho estético, mas ideológico também, relacionado a tornar o país moderno dentro dos ideais europeus.

O fascínio e o temor decorrentes do progresso manifestaram-se na literatura brasileira, visto que os intelectuais brasileiros também foram responsáveis pela implementação dos ideais advindos da Europa. Estes sentimentos refletiram-se na produção literária finissecular, tornando-a próxima às produções de autores americanos, britânicos e franceses, em consonância às angústias sentidas por estes, diante das transformações sociais em decorrência dos avanços científicos. A produção deste momento, como explicitado, apresenta-se como uma conjunção às narrativas de Mary Shelley, Robert Louis Stevenson, Edgar Allan Poe e H.G. Wells.

Estes traços característicos da produção literária do momento resulta na Ciência Gótica, que representa os prelúdios da produção de Ficção Científica no Brasil, designando a ciência fatores que antes ficavam a cargo do sobrenatural. As tramas não se apresentam dentro dos parâmetros científicos tais quais conhecemos atualmente, mas denotam elementos científicos envoltos em mistério, ao misticismo, tendo em vista os temores em relação aos limites do uso da ciência e o desconhecimento de suas consequências.

O maranhense Coelho Neto, leitor ávido de autores dos gêneros supracitados, incluiu muitos elementos destes em suas próprias produções literárias. Há diversos contos e obras, dentro de sua vasta produção, em que são notados tais elementos. Como apresentado nesta pesquisa, o próprio autor atribui suas influências a autores como Poe, Mary Shelley, Robert Louis Stevenson, além de suas próprias vivências em cidades pequenas, enquanto ainda residente no Maranhão. Embora atualmente tenha caído no esquecimento do grande público, o escritor maranhense, considerado “Príncipe dos

Prosadores Brasileiros”, no passado foi um autor de grande destaque nacional, pelas temáticas apresentadas em suas obras, pela sua eloquência e pela antecipação de algumas discussões, como a que acontece em *Esfinge*, publicada em 1908.

A trama de *Esfinge* tem espaço na cidade do Rio de Janeiro e seus personagens fazem parte da sociedade formadora da elite cultural deste período. O narrador, cuja identidade não nos é revelada, descobre que o personagem central da trama, o inglês James Marian, é, na verdade, fruto de um experimento científico, realizado pelo místico oriental *Arhat*, por meio de seus conhecimentos acerca da “Magna Ciência”.

O personagem carrega o estigma de ter seu corpo, bem como a sua própria identidade, fora dos padrões estabelecidos socialmente: sentia-se deslocado, um monstro, fadado ao isolamento. Figurando, desta forma, os questionamentos culturais acerca da construção biológica humana e das construções sociais, fato que o leva a percorrer o mundo inteiro tentando desvendar o livro de símbolos que lhe foi entregue por *Arhat*, a chave para suas aflições. O seu corpo “monstruoso” é consequência de uma experiência científica que visa a superação da morte, ainda que ligada ao misticismo. Tais discussões têm como pano de fundo a Ciência Gótica, que tem uma relação estreita com a Ficção Científica, mas que não se utiliza da verossimilhança nem da lógica empregada por esta, como afirma Tavares (2003).

A obra de Coelho Neto configura, assim, o pensamento da sociedade em relação ao desenvolvimento científico, todo o fascínio e a hesitação que o envolvia, além do interesse pelas questões advindas da modernização e dos avanços científicos. Além disso, utiliza seu personagem para adentrar às questões relacionadas ao uso da ciência para a superação da morte, aos limites biológicos humanos, no que tange aos aspectos psicológicos, físicos e sociais. Leva-nos, desta forma, a uma reflexão sobre o modo como os avanços tecnocientíficos contribuirão para a reorganização dos padrões estabelecidos na sociedade, gerando seres pós-humanos.

Atualmente, tanto na ficção (seja ela gótica ou científica), quanto na realidade, vem crescendo um consistente número de pesquisas, a nível psicológico ou social, sobre os papéis de gênero, bem como os seus próprios limites.

Portanto, ainda que não se tenha conhecimento de uma produção e de um estudo de Ficção Científica maranhense consistente ou mesmo de uma ficção gótica maranhense, o que tem a ver com o processo de formação histórica do Estado, percebe-se que alguns autores do local interessaram-se pelo gênero, como ocorre na produção de Coelho Neto, influenciando outros autores maranhenses, como é o caso de Humberto de Campos.

A VIEW OVER THE BOUNDARIES OF HUMAN BODY THROUGH COELHO NETO'S ESFINGE

ABSTRACT

For a long time, it was thought that Science Fiction was only related to the technologically developed countries and, for this reason, it was believed that Brazil was not interested in the production of the genre. At the beginning of the twentieth century, the Belle Époque gave rise to fascination and uncertainty before scientific development. Therefore, the literary production this time is shrouded in mysticism, as in *Esfinge*, published in 1908, by Coelho Neto, writer from Maranhão. Placed in the city of Rio de Janeiro, the plot has, as central character, the Englishman James Marian, who was created by a scientific experiment, resulting in a fusion between a male and a female body. The objective of this paper is to show how discussions about the use of sciences are presented in the work, as well as the identity conflicts of the character, based on the studies of Roberto de Sousa Causo (2003), Mary Elizabeth Ginway (2010) and Bráulio Tavares (2003). Therefore, this work denotes the Brazilian society's sense of scientific progress in the early twentieth century, as well as its impact, in terms of biological, psychological and social limits.

Keywords: Coelho Neto. Brazilian Science Fiction. Gender. Belle Époque.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cutrix, 1994.

CAUSO, Roberto de Sousa. **Ficção científica, fantasia e horror no Brasil – 1875 a 1950**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

BOTTING, Fred. **Gothic**. Londres: Routledge, 1996.

COHEN, Jeffrey Jerome. “A cultura dos monstros: sete teses.” In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Belo Horizonte: Autentica, 2000. p. 23-60.

FRANÇA, Júlio. **A alma encantadora das ruas e dentro da noite: João do Rio e o medo urbano na literatura brasileira**. 2013. Disponível em: <<https://sobreomedo.files.wordpress.com/2013/05/01062013.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2015.

GINWAY, Mary Elizabeth. Transgendering in Luso-Brazilian Speculative Fictions from Machado de Assis to the present. **Luso-Brazilian Review**, v.47, n. 1, 2010.

NEEDELL, Jeffrey D. **A Belle Époque tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

COELHO NETO. **Esfinge**. Porto: Chardron, 1920.

SILVA, Alexander Meireles. **O admirável mundo novo da República Velha: o nascimento da ficção científica brasileira no começo do século XX**. Tese (Doutorado). Rio de Janeiro, 2008.

_____. **República velha, decadente e colonial: configurações do gótico brasileiro finissecular**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2015.

TAVARES, Bráulio. “A Ciência Gótica.” **Páginas de sombra: contos fantásticos brasileiros**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p. 14-17.

WASSON, Sara; ALDER, Emily. **Gothic Science Fiction – 1980 – 2010**. Liverpool University Press, 2014.

MINIBIOGRAFIA

Naiara Sales Araújo Santos

Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Metropolitana de Londres; Professora do Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Federal do Maranhão.

Dayane Andréa Rocha Brito

Graduada em Letras - Inglês na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e licenciada em Português pela Universidade de Coimbra, Portugal; ex- bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) - CNPq; integrante do Projeto de Pesquisa Ficção Científica e Sociedade - CNPq (Grupo de Pesquisa FICÇA - Ficção Científica, Gêneros Pós Modernos e Manifestações Artísticas na Era Digital).